

***Quando eu for grande quero ir à Primavera***  
**e outras histórias**

## Voando em metáforas sobre o Titanic...

*Eu tenho um jeito socrático de entender a educação. Acho que o seu objectivo é despertar nas pessoas aquilo que está adormecido dentro delas. Nós somos como palácios maravilhosos onde dormem centenas de inteligências diferentes, uma coisa parecida com a história da Bela Adormecida. A função principal do educador é dar o beijo que desperta a Bela Adormecida. Você tem de provocar para que algumas dessas inteligências acordem. Digo algumas porque nem todas podem ser despertada , a gente não tem tempo para tudo. É isso o que a gente faz, provocar os alunos para que eles despertem as suas inteligências e possam então lidar com a vida.*

(Rubem Alves)

Na madrugada do naufrágio do Titanic, o quinteto liderado por Wallace Hartley só parou de tocar trinta minutos antes de o luxuoso navio se afundar. Os músicos sabiam que da sua actuação dependia, em larga medida, o controlo do pânico dos passageiros. Um dos sobreviventes do naufrágio contou mais tarde aos jornais que ao mesmo tempo que as águas tumultuosas do oceano se insinuavam discretamente sobre os mais recônditos escaninhos do Titanic, preparando o golpe fatal, a orquestra ia tocando “músicas muito agradáveis” para distrair os condenados à morte, as cerca de mil e quinhentas pessoas (incluindo os tripulantes) que não teriam lugar nos botes salva-vidas e pereceriam daí a pouco afogadas. A última peça tocada pela banda (contou outro sobrevivente) foi o hino "Nearer My God to Thee". Meia hora depois, os cinco músicos estavam mortos no fundo do oceano, talvez abraçados (uma pitada de lirismo fica sempre bem nestas evocações) aos seus maravilhosos instrumentos. Não era suposto que, na apertada agenda de salvação do Titanic, houvesse lugar para os artistas (que, de resto, viajavam em segunda classe)...

Como não vi o filme de James Cameron, não posso imaginar como a mais recente narrativa do naufrágio do Titanic tem vindo a passar, através do cinema, ao imaginário popular, quase noventa anos passados sobre a tragédia. Presumo que com doses elevadas de excitação romanesca (ia a escrever hollywoodesca). Mas os factos principais são

conhecidos. A iminência da tragédia não desviou os músicos do cumprimento das suas obrigações profissionais. Eles tinham de tocar até à morte como sempre tinham tocado, desejavelmente, até que o navio - o mais seguro, inexpugnável e luxuoso dos transatlânticos jamais construídos - batesse no fundo do oceano. A música deveria anestesiar o pânico e o sofrimento dos que iam morrer...

O naufrágio do Titanic, sabe-se hoje, estava desde o berço inscrito no seu patético destino de magnificência. A sua tão apregoada insubmersibilidade não passava de um estúpido e perigoso slogan propagandístico. O aço com que foi construído, apurou-se muito mais tarde, era de baixíssima qualidade e vários erros grosseiros de concepção, que prenunciavam a catástrofe, tinham sido cometidos pelos projectistas. A obsessão do luxo e da imponência embriagou os pais do Titanic, levando-os a produzir um verdadeiro monstro com pés de barro. A embriaguez transmitiu-se ao capitão do navio, que nada fez para prevenir o naufrágio. Ele fora avisado várias vezes da presença dos icebergs na zona por onde navegava e do perigo que eles podiam representar para a segurança do navio. Ainda assim, persistiu na rota suicida e, não contente com isso, na madrugada fatídica, deu ordem para acelerar a velocidade do navio. A colisão era inevitável e a tragédia humana também, tanto mais que o navio partira de Southampton com um número extremamente reduzido de botes salva-vidas, menos de metade do inicialmente previsto (a superlotação do navio assim o exigira). Uma patética sucessão de erros, ilusões e imprevidências escreveu o destino trágico do Titanic e das mil e quinhentas pessoas (quase todos os passageiros que viajavam em segunda e terceira classe) que nessa já quase lendária madrugada de Abril de 1912 perderam a vida algures no Atlântico...

A estória do Titanic é uma das mais poderosas metáforas sobre o sem sentido da escola contemporânea. Também ela se acredita invulnerável e insubmersível; também ela, pressentindo o perigo, acelera o passo em direcção ao abismo; também ela navega com passageiros a mais e salva-vidas a menos; também ela parece ter sacrificado a segurança da viagem à ilusão efémera do espectáculo; também ela exige as maiores provas de abnegação e subserviência aos seus profissionais; também ela, em situação de catástrofe, só está preparada para deixar salvar os passageiros que viajam em primeira classe; também ela segue, confiante e autista, a mais suicida das rotas; também ela, no berço matricial, parecia fadada para um destino glorioso...

Lembro-me muitas vezes do que um dia escreveu o grande pedagogo brasileiro Rubem Alves:

*C. Wright Mills, um sociólogo sábio, comparou a nossa civilização a uma galera que navega pelos mares. Nos porões estão os remadores. Remam com precisão cada vez maior. A cada novo dia recebem remos novos, mais perfeitos. O ritmo das remadas se acelera. Sabem tudo sobre a ciência do remar. A galera navega cada vez mais rápido. Mas, perguntados sobre o porto do destino, respondem os remadores: “O porto não nos importa. O que importa é a velocidade com que navegamos.” C. Wright Mills usou esta metáfora para descrever a nossa civilização por meio de uma imagem plástica: multiplicam-se os meios técnicos e científicos ao nosso dispor, que fazem com que as mudanças sejam cada vez mais rápidas; mas não temos ideia alguma de para onde navegamos. Para onde? Somente um navegador louco ou perdido navegaria sem ter ideia do para onde. Em relação à vida da sociedade, ela contém a busca de uma utopia. Utopia, na linguagem comum, é usada como sonho impossível de ser realizado. Mas não é isso. Utopia é um ponto inatingível que indica uma direcção. Mário Quintana explicou a utopia com um verso de sabor pitanga: “Se as coisas são inatingíveis... ora!/Não é motivo para não querê-las .../Que tristes os caminhos, se não fora/A mágica presença das estrelas!”*

*(Rubem Alves, O Homem deve Reencontrar o Paraíso, in Por uma Educação Romântica – Brevíssimos Exercícios de Imortalidade)*

A maior crítica que se pode fazer à escola contemporânea não é, porém, a de que ela ignora as utopias, mas antes parece acreditar na mais perversa e desumana das utopias – a utopia de uma sociedade também ela curricularizada (e programada) em que todos deveriam pensar o mesmo, sentir o mesmo, saber o mesmo, dizer o mesmo, sonhar o mesmo...

O currículo que dá sentido à escola contemporânea (ou, melhor dizendo, ao modelo dominante e totalitário de escola contemporânea) não é mais do que um imenso e complexo programa de produção em série de pinóquios replicantes – mulheres e homens cada vez menos diferentes uns dos outros e cada vez menos autores de si próprios e dos seus destinos...

Apesar do aparente absurdo da formulação, repare-se que não é outra a ambição daqueles que pensam, modelam e formatam o currículo tentacular e totalitário da escola contemporânea. Eles não respeitam, nem desejam acarinhar e fomentar a diversidade (de aptidões, de expectativas e de sonhos, de saberes e de sentimentos, de capacidades e de competências, de atitudes e de comportamentos); eles querem, antes, apagar e abolir a diversidade (a identidade, a autoria), para, através da escola, impor a indiferenciação

universal. Todos os alunos, ao longo pelo menos da escolaridade básica, deveriam adquirir os mesmos conhecimentos, interiorizar os mesmos valores e desenvolver as mesmas capacidades, competências e atitudes, desejavelmente ao mesmo tempo, no mesmo ritmo e grau e nas mesmas circunstâncias. Se a escola contemporânea curricular fosse verdadeiramente eficaz (e, felizmente, que não o é), ela andaria, há muito, a clonar e a produzir em massa, numa lógica de pesadelo orwelliano, cópias replicantes do mesmíssimo modelo de educando escolarizado. Seriam jovens talvez dotados das mais excelentes e excelsas virtudes com que o homem pode imaginar a própria espécie. Só que o resultado da obsessão uniformizadora e formatadora da escola seria uma sociedade de idiotas sobreformados, a sociedade perfeita (e inviável) da indiferenciação (leia-se: despersonificação) universal. Quem quer que, por um absurdo de incompatibilidade genética, se afastasse da norma padrão teria de ser sumariamente excluído da sociedade - à escola curricular perfeita e eficaz poderia de resto caber o papel sinistro de detecção e posterior eliminação dos abcessos da natureza, pelo menos, dos abcessos que os cientistas considerassem irrecuperáveis...

Nas últimas décadas, um pouco por todo o lado, uma legião de cientistas da educação preocupados com a aparente ineficácia da escola tem vindo a concentrar os seus esforços na tentativa de aperfeiçoamento do currículo, dos objectivos e programas curriculares e dos instrumentos de sua aplicação. Ciclicamente, novos planos curriculares, supostamente mais coerentes e eficazes que os anteriores, são impostos às escolas, em nome da necessidade de melhorar o sistema de ensino. Todas as reformas e todos os projectos de revisão ou reorganização curriculares visam, invariavelmente, promover a alteração das práticas pedagógicas e a mudança qualitativa dos processos de ensino/aprendizagem. Sem, aparentemente, se darem conta do ridículo e do absurdo da situação, gerações sucessivas de investigadores e de decisores políticos vão acrescentando novas demãos de inovação e mudança a uma escola já quase inerte e irreformável. Mas uns e outros continuam teimosamente a persistir na ficção aberrante de um currículo pronto-a-vestir de tamanho único, desejavelmente, igual para todos e capaz de preformar e formatar todos da mesma maneira, como se todos fossem ou devessem ser um só. A escola por que eles continuam a terçar armas é uma escola estúpida e uma escola de pesadelo - e como pesadelo ela é sentida e vivida por todos aqueles que, dentro dela, ainda não foram completamente condicionados e anestesiados pelo paradigma totalitário que, a todos os níveis, a enforma.

José Pacheco, o autor das crónicas e histórias reunidas neste livro, é, em Portugal, um desses resistentes, seguramente, um dos mais lúcidos, teimosos e acutilantes. Diferentemente de outros passageiros que não quiseram, não souberam ou não puderam evadir-se a tempo do Titanic, José Pacheco arriscou a ruptura, deu o salto ... e sobreviveu, levando consigo e salvando do naufrágio não apenas os outros músicos e o resto da tripulação, mas as crianças, todas as crianças que lhe foram estendendo a mão... Com todos eles, ao largo do Titanic, fundou uma ilha em forma de escola – onde instituiu um único e arrojado princípio curricular: todas as crianças, solidariamente, têm direito à sua escola pequenina. E com as escolas pequeninas de todas as crianças cerziu, também solidariamente, uma escola grande, que passará aos anais da história da pedagogia como – a Escola da Ponte.

A ilha não se fechou, porém, sobre si própria. Rapidamente começou a emitir sinais, que outras ilhas, outros barcos e outros naufragos captavam. E a ilha da Ponte, paulatinamente, foi-se convertendo, sem o desejar, numa espécie de farol, cuja luz intensa iluminava o trajecto indeciso de um número cada vez maior de navegadores solitários à procura de novos mundos...

José Pacheco, que há muito combate denodadamente o mito dos homens providenciais e insubstituíveis e que nunca perde a ocasião de enfatizar que um projecto de escola é e será sempre um acto colectivo e um compromisso solidário para a vida, é apenas (ele perdoar-me-á o qualificativo sempre redutor) o mais experimentado (e, por isso, o mais metafórico) dos cronistas da extraordinária aventura da Ponte.

Quem a quiser perceber – que o leia.

Ademar Ferreira dos Santos

## ***“Quando eu for grande, quero ir à Primavera”***

Esta é uma história particularmente dedicada àqueles que ainda ousam desenhar roteiros vagabundos e empreender viagens por caminhos incertos. Fala-nos de um inexperiente professor que se deixara influenciar por um grupo (nesses perturbados tempos considerado marginal, de má fama e politicamente suspeito) que dava pelo nome de Movimento da Escola Moderna.

Com professores "marginais" aprendeu uma máxima que o iria acompanhar para onde quer que o levassem os concursos e a coragem: *olha para o que és (ou pretendes ser como pessoa e professor), não olhes para o que outros fazem (ou não fazem, ou não são...)*.

Leu tudo o que havia para ler (ou o deixavam ler) sobre o Freinet do "texto livre". Mas, por meados de Novembro, já começava a descrever da cartilha. Ele bem tentava, mas os trinta alunos que havia herdado de um austero professor à moda antiga não saíam dos canónicos *"a vaca dá leite, ossos e carne"*, *"a vaca é muito importante para a nossa alimentação"*, *"eu gosto muito das vacas"*, *"quando eu for grande, quero ser vaca"*...

Alguns putos sobreviventes da última "classe masculina" tinham na ponta da língua a tabuada, sabiam de cor as estações de caminho-de-ferro de Benguela e o sistema galaico-duriense, tratavam por tu os esteres e os miriares, desenhavam na perfeição a caneca da praxe e ainda sabiam entoar a música (já só a música!) do *"somos pequenos lusitos"*, que o tempo de o Jesus do crucifixo estar ladeado por dois ladrões ainda não ia longe e a Biblioteca Popular não tinha sido desmantelada, apesar da ordem expressa dos novos poderes.

Naquele tempo, a palavra liberdade ainda inspirava em muitos espíritos sentimentos contraditórios. De modo que, quando colocados perante a possibilidade de rabiscarem "redacções" a que o jovem professor teimava em chamar "textos livres", ainda que o equinócio mais próximo fosse o de Setembro e já se começasse a pensar em preparar a festinha de Natal, os miúdos adoravam escrever sobre... "A Primavera".

Durante aquela "quinzena de trabalho", o professor tinha lido mais de vinte textos encimados pela palavra "redacção", com o mesmo título ("A Primavera") e formatados em vinte linhas de lugares-comuns. Ficou a saber que a Primavera era uma estação do ano, que os passarinhos faziam os ninhos, as flores nasciam nos campos, a temperatura subia nos termómetros e que a comunhão pascal estava próxima. Ficou sabendo que todos, sem excepção, gostavam da Primavera, o óbvio a que um dos alunos acrescentara

(por distração, ou por súbita inspiração, nunca se chegou a saber) que, quando fosse grande *"gostaria de ir à Primavera"*...

Naquele tempo, o dia começava, invariavelmente, com a aula de educação físico-motora. Sob a orientação do professor, os alunos cumpriam o ritual diário de voltar a pôr em grupos as carteiras que a colega da tarde voltaria a colocar todas alinhadas, voltadas para o quadro negro e para a secretária.

Concluído o exercício de musculação, o professor propôs que fossem lidos todos os textos "livres" (o professor era um teimoso...), para seleccionar alguns para o terceiro jornal. Importa fazer um parêntesis na narrativa, para referir que o dinheiro da venda dos dois anteriores dera para comprar o *tabopan* com que os alunos construíram a mesa que suportava o limógrafo, o copiador de gelatina e a máquina a petróleo onde era aquecido o "leite escolar". Mas, dessa vez, o professor sugeriu à assembleia de alunos que, contrariando o acordado, não fossem os autores a lê-los mas o professor.

Autorizado, iniciou a leitura do primeiro texto: *"A Primavera. Eu gosto muito da Primavera. A Primavera é uma estação do ano, que começa no dia ..."* E daí por diante, até ao inevitável *"Depois da Primavera, vem o Verão, que é outra estação do ano muito bonita"*. Chegado ao fim da primeira leitura e tendo o cuidado de não permitir que os alunos vissem o papel e reconhecessem a caligrafia, perguntou:

- *"Quem escreveu este texto?"*

De imediato, ergueram-se vinte e tal braços, que os putos acabaram por baixar, no meio de grande embaraço e confusão. Não satisfeito com a reacção e sem delongas, o professor passou à leitura do segundo texto, que era clone do anterior, e repetiu a pergunta:

- *"Quem escreveu este texto?"*

Alguns alunos ainda esboçaram um levantar de braço, mas rapidamente suspenderam o gesto. E, ao cabo de uma dezena de leituras, a perturbação inicial deu lugar ao riso. Os alunos tinham percebido a mensagem. Já não erguiam os bracitos, mas mal sabiam o que os esperava. O professor propôs um novo jogo de escrita a que todos aderiram sem reservas.

Dessa vez, foi o professor quem ditou as regras. Já que todos gostavam de escrever sobre a Primavera, assim se faria, mas não poderiam recorrer a qualquer das frases tradicionalmente utilizadas: *"eu gosto muito da Primavera"*, *"as andorinhas..."*, etc., etc. O silêncio tomou conta da sala, um silêncio estranho, nunca visto. Mas jogo era jogo, teria de ir até ao fim.



Durante alguns longos minutos, os alunos entreolhavam-se, cotovelos assentes nas carteiras, cabeças entre as mãos, gestos de impaciência... até que um deles, após um trejeito no rosto, se decidiu escrever algo. O colega do lado espreitou, encolheu os ombros como se dissesse "*olha a grande novidade!*" e fez par com o primeiro.

Pouco a pouco, juntaram-se os restantes, cada qual na sua vez, que o "ritmo individual", apesar de não se constituir em conceito cientificamente assumido, é de uma cruel evidência para aqueles que, como o outro, ainda crêem que a pedagogia é a arte de ensinar tudo a todos como se fossem um só.

Findo o inesperado jogo, os textos foram recolhidos. Seguindo os mesmos cuidados da primeira sessão de leitura, o professor leu o primeiro dos textos e perguntou:

- "*Quem escreveu este texto?*"

No meio dos seus trinta alunos, um braço ergueu-se decidido, um só braço, uma só mão autora. O professor disfarçou como pode a emoção e leu o segundo dos textos. Novamente, um só erguer de braço sem hesitações, um gesto único, convicto. E assim foi acontecendo até à derradeira leitura daqueles textos LIVRES.

## *“O que é o amor?”*

Eram dois os professores que “davam a quarta”. Um era moço e inexperiente. A outra era mulher na casa dos sessenta de idade e levava de vantagem quarenta anos de brilhantes avaliações de desempenho que lhe conferiam fama de boa professora. Fazia alarde da auréola e gabava-se de que qualquer aluno que levasse a exame só poderia de lá sair aprovado com distinção. De tão rigorosa e cumpridora, também seguia à risca a percentagem estabelecida de reprovações. Em consonância com os ideólogos do regime há pouco deposto, postulava que “nem todos podiam dar doutores”. E, do alto da experiência, dava como exemplo o caso do Toino Bica que, já entrado nos doze, passava as aulas a dormir na “fila dos burros”.

Pelo final de Junho, a professora já tinha o exame preparado, mas teve para com o colega uma gentileza inédita, talvez inspirada pelo clima democrático em que ainda se vivia: “O colega não quer acrescentar qualquer coisa à prova?” O colega quis. O poema do Torga que encimava o teste estava semeado de fabulosas imagens e falava de amor e a meia dúzia de perguntas que viu gravadas no “stencil” somente visavam respostas directas do tipo: Onde estava o x? O que tinha feito o y? Quem tinha visto o z? Para não tornar o interrogatório demasiado longo, apenas lhe acrescentou uma questão.

Como todas as provas que se prezam, esta começou pela leitura e interpretação do texto. Os alunos enfronharam-se nas ditas. Mas, volvidos alguns minutos, um após outro, todos os alunos da professora cumpridora e experiente suspenderam a escrita. Ora coçavam a cabeça, ora manifestavam outros sinais de impaciência e angústia. O professor novo e inexperiente apercebeu-se de que haviam esbarrado na pergunta número sete. E não ousavam passar-lhe à frente, porque a senhora professora era exigente e tinha avisado que não poderiam deixar qualquer das perguntas para trás, sem resposta. Quase todos os putos do professor moço e inexperiente já estavam quase a acabar a redacção de vinte linhas e tópicos obrigatórios, quando algumas lágrimas já assomavam nos olhos suplicantes de alguns dos óptimos alunos da velha e experiente professora. O professor não se conteve. Foi junto de cada um e sussurrou-lhes uma qualquer mensagem ao ouvido, que os deixou aliviados e lhes permitiu desencalhar o raciocínio.

**Acrescente-se que a sétima das questões era imperativa e rezava assim: “Depois de leres este bonito poema, diz o que é, para ti, o amor.”**

## Avaliações

Os azares da vida levaram a Mirinha a passar os primeiros tempos de escola num estranho lugar onde não era hábito os alunos fazerem testes simultâneos e iguais para todos. Por esta e outras razões, a pequena não desenvolveu as mais elementares competências “transversais” do desenrasca académico, entre as quais avulta a arte de bem copiar toda a prova.

Claro que, pelo fim do último ano de estadia na “primária”, ainda lhe deram (sob a forma de jogo) a possibilidade de penetrar os mistérios do mundo dos testes e aceder à compreensão dos estranhos rituais que os acompanham.

Mas a pequena não conseguia perceber por que razão o teste a mandava escrever o que o personagem da história tinha visto, se a resposta estava escarrapachada no corpo do texto e à vista de toda a gente. O seu apurado senso crítico levava-a a considerar que a cópia das frases constantes do texto se constituía num desperdício de tempo e de tinta. A certa altura do jogo, quis saber porque estava o professor ali estava especado, porque não ia para outro sítio fazer algo de útil. Quando o professor lhe respondeu que, na escola para onde ela iria no ano seguinte, era hábito haver um professor a vigiar os alunos enquanto estes faziam testes, a Mirinha perguntou: “*Para quê?*”

Decorridos quatro anos, a Mirinha frequentava o oitavo ano e lá se ia safando entre um três e um quatro na pauta. Por uma questão de princípio (ou porque a aprendizagem de uma determinada atitude se tinha processado na “primária”), não incorria naquilo que começara a classificar de “deslealdade”. Até que, um dia, chegou a casa visivelmente incomodada e a mãe quis saber o porquê da arrelia.

Ao cabo de algumas insistências, a Mirinha lá desembuchou:

- *Hoje, tive teste. A meio, professora foi chamada ao telefone, acho eu. E quando voltou, percebeu que muita gente tinha copiado. Vai daí, disse que nos ia tirar dez pontos a todas.*
- *A todas?* – perguntou a mãe, surpreendida.
- *Sim, a todas!* – confirmou a Mirinha.
- *Não me digas que tu também...* – insistiu a incrédula progenitora.
- *Não! Que eu saiba, fui a única que não copiou!* – retorquiu peremptória a jovem.
- *E, então? Não percebo! Não sabias dizer à professora?* - devolveu-lhe a mãe.
- *Ó mãe, e tu achas que a professora ia acreditar em mim?*

## Memórias e destinos

Por saber que a memória dos homens é curta, reabri a gaveta onde guardo os recados dos alunos e folhas de diário. Encontrei alguns registos de 76:

*“Todas as manhãs, o Arnaldo já chega cansado de duas horas de trabalho. Antes de rumar à escola, o Rui foi ao lavrador buscar o leite, levou os irmãos mais pequenos ao infantário, fez os recados da Dona Alice, arrumou a casa toda. O Carlos falta quase todas as tardes. O pai manda-o distribuir por toda a vila as folhas que dão notícia dos falecimentos da véspera, ou tem que carregar as alfaias dos funerais”.*

O tempo amareleceu as folhas dos cadernos onde as crianças deixaram ficar pedaços de vida. Aos nove anos, o Fernando disse o que queria ser quando fosse grande, escreveu os projectos do seu futuro para sempre destruídos num estúpido acidente na mota que ele comprara com os primeiros salários de tecelão. Outros não chegaram a adultos por se deixarem envolver nas teias que a droga tece. Houve também quem abandonasse a escola e optasse pelas lições que a escola da vida oferece. Outros ainda dizem agora “querer mudar de vida”.

E os pais:

*“O senhor professor que me diz? Eu acho que o Jorge já tem idade para ir com o tio para a s feiras. Se o meto no ciclo, só me apanha vícios e más companhias”.*

*“Ela já não anda aqui a fazer nada. E olhe que o que ela gosta mesmo é da costura. O senhor fecha os olhos... e eu nem me importo que me cortem no abono. Assim, sempre sei que ela está vigiada e já vai ganhando algum para a casa”.*

*“A Gracinda? Que quer? A gente é pobre e ela já anda vai para oito meses na confecção do C.... Ele ainda não lhe pagou, mas diz que, se continuar assim ,lhe dá dez contos por mês não tarda nada”.*

*“Pois, pois, mas se disser alguma coisa ainda vem parar-me à rua! Ela, agora, até faz sábados e, às vezes, até domingos. Mas que quer que lhe faça? Quando há uma encomenda urgente... À noite também trabalha, mas só quando lhe pedem”.*

E assim, entre a escola e vida se constróem destinos.

## No país da Sophia

Atento à importância de que se reveste a selecção de manuais escolares e consciente da diversidade e quantidade de critérios a considerar na sua análise, o professor embrenha-se na leitura atenta dos manuais que as editoras generosa e prodigamente haviam feito chegar à escola.

Numa espécie de viagem ao passado, sente-se transportado até ao ano de 1958, puto de tenra idade sentado lado a lado com outros miúdos em velhas carteiras com buracos para tinteiro e pena, num coro de melopeias sem sentido, repetindo até à exaustão, cada qual voltado para o seu livro único: *"a de águia, e de égua, i de igreja, o de ovos, u de uvas..."* Concluída a análise dos “manuais aprovados” para o 1º ano, extrai algumas frases de elevado gabarito intelectual, que as suas criancinhas deverão repetir até à exaustão. *"A tia tapa o pote"* é a frase campeã das citações, quase a par com a célebre *"a vaca dá leite"*. E sente-se regressado ao país rural da sua salazarista infância perante frases como: *"o Vilela leva a vaca à vila"*, *"o Vilela veio da vila a cavalo"*, *"o avô vai à vila a pé"*. Através dos manuais fica também a conhecer o que preenche o quotidiano dos alunos das outras escolas: *"É dia de aula e a Adélia pula"* (o texto não nos informa se durante a educação físico-motora ou se o pulo é dado no recreio). Mais clara e menos omissa é a frase *"Na aula, a Sónia acabou tudo: a soma, a cópia e o ditado. Tocou a sineta. A Sónia saiu da aula"*, reflectindo uma notória assunção de *novas pedagogias*. A confirmar a presença de sobredotados nas escolas oficiais, *"o Paulo lê a pauta"* enquanto *"a avó toca violino"*, *"o avô toca viola"* e *"a tia toca corneta"*. Porquê preocupar-se com a educação musical se em cada família há um Mozart em potência?

Reunindo textos tão claros como rigorosos, os manuais dão notícia de prodigiosas acrobacias: *"a bola pula e o Lito papa a lula"*, *"o Paulo pula da mota"*, *"a Lili papa a lua"*, *"o Óscar viu os ovos e abriu os olhos"*, *"eu pulo e leio"* (presume-se que em simultâneo e que sublime exemplo de interdisciplinaridade!). Os manuais traduzem preocupações com o sã desenvolvimento cognitivo dos seus jovens leitores, mas não descaram o desenvolvimento atitudinal, contendo exemplos de transmissão de modelos de respeito e amor ao próximo. Talvez porque *"o miau é mau"* e *"o mémé é tão mau"*, *"o Catita deu uma patada ao cão"*, *"o Pepe bateu com o pé no pé do pipi"*, e *"a Belita bateu à tia"*. Perante sublimes manifestações de pacifismo militante é estranho que os alunos continuem à traulitada nos recreios.

Os manuais também sugerem técnicas avançadas, que deverão ser estudadas pelos bombeiros e aplicadas já na próxima época estival: *"caiu uma gota de água na mata e apagou o lume"*. E num esforço de protecção da língua materna relativamente às influências das telenovelas brasileiras e comboiadas americanas, dizem-nos, no mais puro português, que *"o xerife comeu muito xuxu, tau, tau, tau, toca o teu berimbau"*, que *"a Pepa papou"*, *"papa tu do Dadá"*, *"o Jugu não viu o zebú."* Por sua vez, os personagens que atravessam estas surrealistas narrativas foram baptizados com nomes usuais em qualquer conservatória do registo civil do nosso país: *"Ucha, Tutu, Zuzu, Dídio, Lalá, Nídia, Ulema, Dálío, Dedé, Xodó"*, etc. O professor só não conseguiu saber o que era uma *"mupa"*. O programa de auto-correcção do computador também não, mas as criancinhas de seis anos deveriam saber. Afinal, o livro tinha obtido o beneplácito do ministério... Na convicção de que os textos estariam adaptados ao nível etário dos alunos, retomou o exercício de análise verificando que os manuais contêm diálogos caracterizados por uma forte intensidade dramática:

- *"Mimi, dá-me o tomate."*
- *Toma, Rui, o tomate é teu.*
- *Eia, é a teia.* (No manual, esta frase acaba em ponto final mas, perante tanta alegria, o professor arriscaria o ponto de exclamação. Já o mesmo não faria na frase *"Eia, pai, é a pipa"*, porque, apesar de vivermos num dos países de maior consumo de álcool, recusava pensar que a criancinha fosse acabar contraindo uma cirrose ou em tratamento nos *alcoólicos anónimos*)
- *Ai o tapete.*
- *Mãe, a sopa azedou.*
- *Dou-te azevia cozida e batata.*
- *Ó filha olha a agulha. Olha o baralho do palhaço."*

Perante estas pérolas de literatura, o Freinet deveria revolver-se no túmulo e o Saramago só poderia ficar roído pela inveja.

Alguém de fora, que não professores calejados no uso dos manuais, recusar-se-ia acreditar que milhares de crianças fossem forçadas a decorar, no ano lectivo seguinte, estas frases a roçar a imbecilidade, ao mesmo tempo que preencheriam muitas carreirinhas de *"is de igreja"*, ou de *"pês de pote"*. Alguém mais atento e indignado poderia, enfim, sugerir que a penitência mínima para tão grave pecado consistisse em mil recitações da *"Balada da Neve"* que os mais velhos aprenderam nos manuais únicos do Estado Novo.

## Antigamente é que havia respeito

- *Onde foi que eu já vi isto?* – questionava o aposentado professor do fundo da poltrona. Ao que se recordava, esta era a primeira vez que se sentia em perfeita e total consonância com uma decisão ministerial. Mas a letra e o espírito do *"estatuto dos alunos"*, em boa hora plasmado em Diário da República, fazia-lhe lembrar algo lá muito do fundo do tempo.

A custo, foi-se arrastando até junto do baú, sacudiu o pó às revistas e não levou muito tempo a encontrar o que procurava. A revista *O Ocidente*, nas suas edições de Maio e de Junho de 1887, rezava assim:

*"A questão disciplinar é da exclusiva competência do Governo. A câmara de Lisboa decretou ex-abrupto a proibição absoluta dos castigos corporais, quando o regulamento do Governo os permite em hipótese. O regulamento autoriza os mestres a aplicarem em casos extremos um pequeno castigo paternalmente dado e sem rancor. O Governo com o seu regulamento dá os meios para se conseguirem os fins, pugna pelo bom carácter civil, moral, religioso e literário do ensino. A câmara, autorizando a anarquia com as suas teorias regulamentares, destrui o carácter do ensino. Ora o que sucede? É fácil de perceber. O aluno refractário, cheio de maldade, não obedece à palavra e tem a certeza da impunidade, porque a câmara a decretou. O professor esfalfa-se para restabelecer a ordem e não o consegue porque a onda de insubordinação cresce e responde: "se me toca, bastar-me-á meia folha de papel selado para que a câmara o derreta, agora veja lá o que faz!"*

Era assim no tempo em que as câmaras mandavam. E ao artigo não faltava um quadro teórico de referência: *"Segundo Genuense, Laromiguer, Joufroid e outros, o homem é formado de matéria e espírito. Proibindo os castigos referentes à psico e ao corpo, só por exclusão de partes se autoriza os espirituais. Mas castigos espirituais apenas existem na imaginação da câmara de Lisboa, puramente espiritualista. A câmara administradora da instrução do povo invadiu os domínios alheios, intrometendo-se na questão disciplinar, e por isso converteu as escolas em moinhos. As escolas são moinhos de monotonia, moinhos no ruído da indisciplina, que vai lavrando a olhos vistos; moinhos porque os mestres saem moídos da escola, onde, em vez de ensinarem o que sabem, gastam o tempo gritando contra os díscolos que não atendem às explicações."*

E entre a metáfora do moinho e a da separação das águas se passava à óbvia conclusão: *"Os mestres quase nada ensinam à falta de disciplina que não há. As crianças que são bem comportadas e desejam aprender pouco aprendem. Aos meninos da Mitra não se lhes pode aplicar palmatoadas para os conter na ordem, evitando que, por sua ruindade contagiosa, corrompam os bons costumes das crianças bem educadas. Daqui nasce a imoralidade das novas gerações, cuja educação não pode a escola conseguir. Que interessante é uma escola bem disciplinada! Mas onde a há que deixe de ser perturbada por algum de entre muitos que, saindo do seu tugúrio<sup>1</sup> vem incorporar-se na comunidade limpa e asseada e eivá-la dos vermes da destruição moral, corrompendo pelo mau exemplo os corações bem formados, as consciências limpas de tantos outros de famílias de sãos costumes. Separem-nos! Não pode ser! O lobo e a ovelha não podem coexistir, porque as leis da natureza imperam na própria índole."*

Antigamente, o respeitinho era mesmo muito lindo.

---

<sup>1</sup> Em 2000, leia-se, "bairro degradado", "minorias étnicas", "cultura marginal à escola de elites"...



## Será por acaso que há acasos?

A possibilidade de ocorrer algo coisa assim é de um para um milhão. Mas aconteceu. E não é por acaso que há acasos, como veremos adiante.

O Paulo era o mais novo dos dois amigos desta história. Tinha ficado pela quarta classe antiga e o seu amigo era professor. O Paulo andava preocupado. Pediu conselho ao amigo:

- *"Sinceramente, qual será a melhor escola para matricular a minha filha na "primeira classe"? Faça de conta que a Catarina era sua filha!"*

Lacónica e sinceramente, o seu amigo professor respondeu:

- *"Há bons professores em todas as escolas."*

Mas o Paulo não desarmou:

- *"Não é bem assim. Na minha primeira classe, eu tive dois professores. Um tratou-me tão bem que eu nunca mais o esqueci. A outra foi uma cabra que me fez odiar tanto a escola que eu mal fiz a quarta, raspei-me dali para fora."*
- *"Como é que foi?" - retorquiu o amigo.*
- *"Eu era muito pobre e a professora fazia distinção. Pôs-me ao fundo da sala e era só porrada para mim e para mais três da minha ilha."*
- *"Mas... e o outro professor?" - demandou o amigo.*
- *"Esse era muito diferente. Tratava-nos a todos com meiguice e paciência. Nunca nos bateu. E nós até éramos para aí mais de trinta! E éramos muito traquinas, difíceis de aturar. Se eu hoje sou alguma coisa devo-o a ele. Ainda hoje me lembro dele quando tenho de decidir da minha vida... naquelas alturas...não é...?"*

O amigo professor interrompeu-o:

- *"Mas o que foi feito desse tal professor?"*
- *"A meio da primeira classe, ele chamou-nos, um a um, ainda me estou a lembrar quando chegou a minha vez. Abaixou-se, assim, pôs-se da minha altura e disse-me: Paulinho, eu vou ter de ir embora, tenho de ir para a tropa. Sabes o que é? Eu até me deu vontade de chorar, mas disse que sim co'a cabeça, que eu até sabia que o Eduardo (o "Bife" lá da minha ilha) tinha morrido na guerra de Angola. Despediu-se de todos, mesmo dos mais pobres como eu."*
- *"Em que escola andaste? Em que ano entraste na escola?" - perguntou o amigo.*

O Paulo respondeu. E era o mesmo ano e a mesma escola onde o seu amigo tinha começado a carreira de professor. Este ainda arriscou esclarecer uma última dúvida:

- *E só havia uma "primeira classe"?*

O Paulo respondeu negativamente, mas acrescentou:

- *"As outras três "primeiras" tinham professoras, só a nossa é que tinha um professor."*
- *E como era esse professor? - perguntou-lhe o amigo, já com evidentes sinais de inquietação a percorrer-lhe o rosto.*

A descrição feita pelo Paulo ajustou-se perfeitamente à pessoa que o seu amigo professor tinha sido trinta anos antes.

## Parece mesmo alegria

O Nelson chegava pontualmente atrasado à escola. Todos os dias o professor se sentia tentado e no direito de o interpelar, de lhe perguntar das razões do invariável atraso. Até que, não resistindo à tentação, mas com muito jeitinho, arriscou a pergunta: *"porque chegaste só agora?"*

O Nelson explicou e o professor ficou a saber que, na noite da véspera e mais uma vez, o pai havia *"arreado uma coça na mãe"*, que ela até tinha ficado *"com pisaduras nas pernas e um olho deitado abaixo"*. No meio da confusão, o Nelson, como o mais velho de três irmãos de diferentes pais, fizera uma retirada estratégica, refugiara-se com o resto da família num anexo-tugúrio de zinco e tijolo sem reboco.

Explicou e o professor ficou a saber como o Nelson conseguiu, já noite adentro e com o pai ausente no *"café de senhor Tião"*, ajudar a mãe *"a ligar a perna e a dar o biberão ao Tiaguinho"*. E concluiu:

- *"Acordei com muito sono, professor, porque a Carlinha (a irmã do meio) não me deixou dormir. Chorou a noite toda. Os ratos roeram-lhe uma orelhinha."*

O Nelson apercebeu-se de que o professor estava com dificuldades de achar palavras para preencher o silêncio que então se fez. E acrescentou:

*"Mas não importa, professor. Quando venha para a escola, sinto cá dentro uma coisa... Olhe, parece mesmo alegria!"*

-

## A Letinha

A Letinha andava na *quarta classe da manhã*, uma *quarta* onde predominava o *método misto*: metade pelo livro, metade pela palmatória. O azar da Letinha era não atinar com as reduções. A professora bem gritava, ameaçava, cumpria e... nada. A Letinha ora levava porque a vírgula tinha ficado fora do lugar, ora porque *para chegar ao miriare era ao contrário*, i. é., *da direita para a esquerda*, como era bom de ver. E a Letinha ficou *para trás* nas reduções.

O fim do ano aproximava-se e com ele o exame de admissão. A mãe era de poucas posses. Os cem mil reis que todos os meses entregava à *professora das explicações* (que era a mesma que aturava a *falta de inteligência da Letinha* todas as manhãs) pagavam a preparação para o exame à escola técnica, não obrigavam a aulas suplementares que desvendassem as trevas e os mistérios das reduções.

Então, a mãe da Letinha foi falar à professora da quarta classe da tarde. Era uma professora *agregada e muito meiguinha com as crianças*. Pediu-lhe que deixasse a filha, que era *uma criança muito sossegada e respeitadora*, ficar *num cantinho da sala* enquanto a senhora ensinava a *quarta*. Que *não se havia de arrepender...*

A professora da tarde não se arrependeu. Pôs a Letinha a ajudar os meninos da *segunda* a melhorar a leitura. Mas a Letinha era um ouvido nos colegas e outro no que a professora dizia aos mais crescidos, quando esta abordava a matemática *por outros métodos*. E a Letinha lá acabou por encontrar um modo fácil de passar de metros para decímetros, de milímetros quadrados para quilómetros quadrados, de fazer *reduções* e até... *aumentações*.

A Rosinha, por sua vez, era uma aluna aplicada. Sabia a matéria toda *na ponta da unha* e era a encarregada de aplicar os castigos: um bolo por cada falta, três por cada erro e assim por diante... A professora exemplificava o modo e a intensidade com que a Rosinha deveria aquecer as mãos às companheiras. Por incrível que nos pareça, naquele tempo era assim.

Em meados de Maio, a professora pegou no papel almaço e dobrou uma margem a três quartos. Era uma prova importante, decisiva. A Letinha saiu-se bem. Fez as reduções todas sem falhar uma vírgula. Foi contemplada com um Muito Bom e um comentário da professora da manhã: "Estás a ver como a régua te fez bem?"

Volvidos alguns anos e uma inútil passagem pela Escola do Magistério Primário (como acontecia antigamente), a Letinha ficou professora. E, também como acontecia

antigamente, na primeira colocação como *agregada*, entregaram-lhe a *turma dos repetentes* que (antigamente) era costume haver em algumas escolas.

A jovem professora pediu conselhos, mendigou solidariedades. Tudo em vão. A Letinha que se desenrascasse, porque os colegas andavam demasiado preocupados consigo próprios, com o *dar o programa* e atingir a percentagem de aprovações que lhes segurasse o emprego na função pública. Era assim, antigamente.

Até que, um dia, um colega mais sensível à dramática situação da Letinha lhe entregou uma régua, ao mesmo tempo que, sábia e solenemente, sentenciava: "*Ó colega, tome lá. Eu vou para a reforma, a mim já não me faz falta e a si ainda há-de fazer jeito.*"

Subitamente, a Letinha viu-se assaltada pelos fantasmas de antigamente. Via a Rosinha com os olhos encharcados de lágrimas de implorar perdão. Num impulso, atirou com a régua para o fundo da gaveta, a fazer companhia aos cadernos de duas linhas, que eram uns cadernos usados antigamente para escrever letras em carreirinhas: uma folha de carreirinhas com a vogal *a*, outra com *us* todos ligadinhos uns aos outros e por aí adiante... Mas a turma dos repetentes continuava apostada em fazer da vida da Letinha um inferno. No fim de uma manhã em que já tinham ficado sem recreio (havia dias assim, antigamente), os putos levaram a Letinha ao termo da paciência. Um estranho sentimento se apoderou da jovem mestra. Totalmente descontrolada, puxou da gaveta a miraculosa herança. O estrondo do vigoroso atirar da régua para cima da secretária provocou um pesado silêncio em toda a sala.

Foi este silêncio que ampliou o descontrolo de alma e os nós na garganta. Foi este silêncio que precipitou um choro solto que atravessou corpos e paredes.

Era assim, antigamente.

## ***“A gente não lê”***

Em 1988, os subscritores da Proposta Global de Reforma afirmavam que "o adestramento não define a educação" e que "a educação é incompatível com a organização autoritária da vida". Não estavam sozinhos nas suas convicções. Eu tive acesso a um outro

"relatório" que, provavelmente por esquecimento, não foi tornado público na devida altura e correria o risco de se manter inédito. Esse "relatório" é subscrito por dois ou três ex-alunos da Escola que os mentores da Reforma se esforçaram (por enquanto, ainda em vão) por erradicar e diz a certo passo:

*"Os pais tiravam os filhos das escolas para eles irem trabalhar, alguns pais não se importavam com os filhos e o Governo também não se importava com o Ensino (...) Não havia possibilidades como há agora (...) Antigamente, ia-se fazer exame a Santo Tirso porque aqui não havia condições para nada". "As escolas não tinham condições como têm agora, eram pobres, era só uma sala e uma retrete. Os deveres eram mais difíceis. Era só ditados, cópias, contas e outras coisas ruins. E os alunos tinham que decorar muito." "Havia menos livros e eram mais difíceis e sem desenhos. Os de agora têm mais figuras, para ajudar a aprender melhor. Não havia escolas para ensinar todos. Ninguém era obrigado a ir à escola e as pessoas não iam à escola e ficavam sem saber ler nem escrever."*

Haverá nesta análise um acentuado exagero? Os "bons e os maus" da infância encontram correspondência nos contrastes maniqueístas entre uma escola "antiga" e uma outra dita "moderna". Mas o "Século da Criança" está prestes a terminar tal como começou, ressalvada uma declaração de direitos aprovada pelas Nações Unidas e jamais cumprida, pelo caminho ficaram projectos por cumprir, as reificações da Pedagogia, da Sociologia, ou da Psicologia, um discurso teórico e inútil. Ficou uma escola ensimesmada, a dura realidade da massificação sem diversificação. Mas continuemos a leitura deste relato de recordações indeléveis:

*"Tínhamos que estar com respeito e atenção, íamos ao mapa e tínhamos que saber onde se situavam as serras, o nome delas, qual era a mais alta e a mais baixa, tínhamos que saber os rios todos, onde nasciam, por onde passavam e onde desaguavam, as linhas férreas, por onde passavam e quais as suas estações, a tabuada tínhamos que a saber salteada, etc. Quando abríamos o livro de história, sabíamos-lo de cor, de uma ponta à outra, só alguns que não eram tão inteligentes é que não sabiam."*

Será também oportuno realçar o recurso aos apoios e complementos educativos da época:

*"uma palmatória com a grossura de dois dedos cheia de buracos e, quando a professora já estava cansada, mandava bater a um dos alunos que soubessem mais e, se batessem devagar, ela batia neles, era porrada por todos os lados, malhávamos com a cabeça contra o quadro e alguns escondiam-se debaixo das carteiras."*

Os anónimos autores deste "relatório" dão a entender que, por via dos métodos em voga,

andavam *"tolhidos de medo, era medo por todos os lados, tinham medo de ir para a escola e medo de ir para casa"*. E, sem precisarem de recorrer à emproada prosa de alguns teóricos da nossa praça, contrariam os adeptos da pedagogia musculada de então, afirmando que *"quem não vai por palavras também não vai por porradas"*.

## A bem da nação

A julgar pela quantidade das intervenções, este país possui mais especialistas em política educativa que professores. Atente-se, por exemplo (e julgando credível uma notícia de jornal), na descrição de uma reunião da Comissão Parlamentar da Educação da nossa Assembleia da República.

Pouco se discutiu sobre Educação. Valores mais altos, tarefas ciclópicas e urgentes impediram que mais de metade dos membros da comissão estivessem presentes (estão recordados de um célebre debate sobre Educação que decorreu num hemicycle quase vazio por força da irresistível atracção de um jogo de futebol que a televisão transmitia no mesmo horário?).

Sem quorum, os abnegados deputados que restavam desta comissão *especializada* comportavam-se com a dignidade devida: passavam recadinhos, distraíam-se na leitura de revistas, saíam e entravam na sala sem cerimónia, atendiam o inevitável telemóvel, envolviam-se em tarefas que nada tinham que ver com o cerne da reunião, a saber, a análise de um documento-proposta de reforma que lhes havia sido distribuído duas semanas antes.

Era suposta a sua discussão perante o Ministro da Educação e três Secretários de Estado, que, para o efeito, ali se deslocaram. Após a apresentação do documento feita pelo senhor ministro, um dos senhores deputados esforçou-se por manter a reunião no mesmo ambiente lúdico e reinadio, tendo conseguido atingir os seus objectivos, a avaliar pelo riso generalizado que provocou com intervenções que nada acrescentaram ao debate. Concluiu que "*o Governo não quer fazer reformas*"... e mais não disse.

Bastaria aos senhores deputados terem lido as crónicas do Eduardo Prado Coelho (que é um senhor que sabe de tudo um pouco e que já disse que o tempo das grandes reformas acabou). Mas nem isso devem ter lido por terem mais que fazer, o que explica que idêntico discurso proferido pelo senhor ministro caísse em saco roto (o povo é que tem outros aforismos para estas ocasiões mas, por respeito aos mui dignos representantes da nação, os dispensarei). E, após escassas e extemporâneas interpelações e outras tantas manifestações de senso comum pedagógico, se deu por encerrada a reunião, a bem da nação.



## Razão tinha o Brecht

Sem ser “missionária” também não era “demissionária”. A Tita era professora apenas. E, sem querer saber se o mês de Julho era ou não “de férias”, a Tita levava à praia os putos que nunca a tinham visto. E a Fátima, companheira certa de muitas “colónias”, escrevia: Chegámos à praia felizes por sentir a areia nos pés. Bem depressa cada um se começou a despir, indiferentes aos olhares de espanto de gente que nunca tal coisa viu. Os Torres, de cabelos rapados onde ainda se notavam sinais das lândeas esmagadas pela tesoura da poda, tinham um ar de presidiários famintos da vida e do ar que lhes oferecíamos.

Também eles queriam mostrar os seus fatos de banho:

- *“Ó, meu Deus! Que vergonha! Aqueles meninos só têm cuecas!”*

E, envergonhada, mandou o filho levar-lhes um fato usado. Ficaram felizes os Torres. Ei-los a correr alegremente para o mar, dispostos a acabar com a raça das cuecas velhas do pai.

E os Almeidas eram tantos! Nove na mulher e nove na amante. Tinham um distinto ar de ciganos matreiros a quem a vida ensinara a vencer.

Naquele tempo, não era preciso mostrar serviço, não havia a preocupação de separar o lectivo do não-lectivo nem de fazer contas de merceeiro às trinta e cinco horas obrigatórias. Naquele tempo, os currículos não eram avaliados ao quilo. E já sabias, amiga Tita, que as escolas só funcionam com projectos plurais. Sabias que até o Gama, quando viajou para as Índias, foi acompanhado e levou cozinheiro. Ninguém dobra sozinho os cabos das tormentas que a vida de uma escola enfrenta.

## Letra legível

A Guidinha tinha treze anos, metade contados na escola. A professora era nova, boazinha, tinha jeito para ensinar. Só lhe custava entender o discurso dos miúdos, quando a lição saía do livro e se passeava pelo meio físico e social.

Não havia dicionário que lhe valesse na aflição. Ela lá ia decifrando as frases dos miúdos pelo sentido geral e por aí se quedava, sem confessar a sua fraca compreensão, pois é bom de ver que a uma professora se admite tudo... excepto a ignorância.

Era o primeiro dia das férias de Natal. Pelo fim da manhã, a Guidinha passou pela escola, almeiro na mão. A professora preenchia as fichas de informação trimestral.

- *Ó Guida, queres levar a ficha ao teu pai? Olha que ele vai ficar satisfeito, porque já estás melhor na caligrafia. Ele que não se esqueça de assinar aqui ao fundo. O teu pai sabe ler e escrever?*
- *Sabe, sim senhora, minha senhora. 'Té calha bem qu' eu vou ir levar-lhe o presigo<sup>2</sup> ó trabalho.*
- *Então vai e não te demores.*

A Guidinha não levou meia hora a voltar. Vinha chorosa, meia face avermelhada e os olhos no chão.

- *Que te aconteceu, rapariga?* - demandou a professora.

A Guidinha continuava de olhos no chão, a voz presa na garganta.

- *Onde puseste a ficha, rapariga? Já está assinada?*
- *A culpa foi da senhora!* - voltou-lhe pesarosa a Guidinha.
- *Culpa? Culpa de quê? Explica-te que eu não estou a perceber nada e já estou a perder a paciência!*

A Guidinha abanou a cabeça e, com voz embargada, acrescentou:

---

2 Para ajudar à compreensão, elucidarei o leitor sobre o significado de alguns termos falados (e pensados...) pela Guidinha: "*presigo*" significa "almoço"; "*almeiro*" é o mesmo que "marmita"; "*e adei*" quer dizer "e então"; um "*rebo*" é o mesmo que uma "pedra"; "*bem cá toma*" é uma expressão de vasto espectro semântico que, neste contexto quer dizer, mais ou menos, "Pudera"; "*caleiras*" é o regionalismo equivalente às nossas bem conhecidas "escadas"; "*poleia*" significa "tareia"; "*mirava*" é a forma verbal equivalente a "acertava"; "*alagar*" é o mesmo que "estragar"; "*vou ir*" parece redundância, mas é mesmo assim que se diz "vou"; "*enfusa*" é equivalente a "caneca"; "*mochó*" é o mesmo que "banco"; "*botelha*" vê-se logo que é uma "garrafa"; fácil é de ver que uma "*toca*" é um "buraco".

- *Cand' acheguei ó trabalho do meu pai, tropei à porta e logo qu' ele abriu, dei-lhe a folha, como a senhora m' amandou.*
- *Sim. E então? Ele leu?*
- *Ai não, que não leu! Leu, sim senhora, minha senhora.*
- *E então? Despacha-te lá!*
- *E adei, bem cá toma, assentou-me uma poleia e por pouco não me mirava c' um grande rebo!*
- *??? Não estou a entender... E ele não disse nada?*
- *Disse, sim senhora, minha senhora. Disse qu' eu era a vergonha da cara dele.*
- *Vergonha? Vergonha, porquê?*
- *Porque leu na ficha que a senhora tinha escrito que eu tenho a letra "legível".*
- *Mas isso é bom - retorqui-lhe a professora.*
- *É , é!... Mal ele leu, disse "Com qu' então tens a letra legível?! Ora toma! E enfiou-me uma lapada qu'eu até contei as caleiras todas, uma a uma!*

Baralhada, a professora rematou:

- *Trouxeste, ao menos, a ficha?*
- *Não, minha senhora. O meu pai alagou-a e atirou-a para uma toca.*

A jovem professora deu-se ares de ter decifrado a resposta e despachou a Guidinha dizendo-lhe que sossegasse e que depois falaria com o pai. A Guidinha não tinha culpa de que a caneca se tivesse virado no meio da contenda e a ficha tivesse ficado encharcada em vinho tinto. O "atirar da ficha para uma toca" é que não se encaixava totalmente na sua representação do episódio... Mas também não era necessário. A professora tinha a explicação à mão de semear: *"Eles não nos entendem". "Os pais resistem em colaborar com a escola. É uma questão de mentalidade".<sup>3</sup>*

Ela não sabia que, antigamente e com maior frequência do que pensávamos, o professoral analfabetismo em culturas não letradas introduzia "ruídos" na comunicação. Alguns professores ainda não tinham tido tempo para ler o Bernstein. Hoje, já entendem as diferenças entre "códigos restritos e elaborados". Antigamente, era a Guidinha quem pagava as favas, porque o dardo da ficha de informação nunca se transformou em boomerang...

---

<sup>3</sup> Afonso, A. (1998). Política Educativa e Avaliação Educativa. Braga, UM- IEP: 321

## Três mochos

O professor era novo na escola, era bonzinho para as crianças e parecia ter jeito para ensinar. Nascera na cidade grande e ali estava, numa pequena vila de província, numa escola que funcionava num pardieiro sem casa de banho.

Na sua ingenuidade, o jovem professor acreditava que os pais dos alunos eram pessoas inteligentes e se preocupavam com o bem-estar dos seus filhos. Pela manhã de um Sábado de Outubro, perguntou ao Conselho Escolar se havia sido feita alguma tentativa de diálogo com os encarregados de educação. Teve como resposta alguns sorrisos condescendentes e um único conselho:

- *"Os pais, colega? Os pais, quanto mais longe, melhor! Fique quietinho no seu canto porque, sabe como é, cada macaco no seu galho. Não queira arranjar problemas e vá por mim, que já cá trabalho há mais de quarenta".*

O jovem professor encaixou a deixo, mas não se deu por convencido. Findo o curso duplo da manhã de segunda-feira, foi directo à tasca da Maria Morcega. Enquanto almoçava na mesa do canto, ia deitando um rabinho de olho à freguesia. Decerto que algum dos inacessíveis pais andaria algures por ali.

O Sérgio entrou na tasca abraçado a uma enfusa e pôs-se em bicos de pés rente ao balcão:

- *"Miquinhas, meio quartilho de espadal, faz favor. É para assentar".*

Só à saída se apercebeu da presença do seu novo professor. Corou, sorriu, abalou a dar a notícia ao pai.

Coisa nunca vista por ali! Enquanto engolia a água de unto e o feijão com linguiça, o pai insistia com ele:

- *"Tu tens mesmo a certeza que era o teu professor?"*

Concluído o breve repasto e movido pela curiosidade, dirigiu-se à tasca da Maria Morcega. Mandou vir um "negus traçado" para cortar a gordura da linguiça... e para ter o pretexto de observar o inusitado personagem (observação partilhada, a espaços, pelos clientes habituais da tasca, sempre que se geravam breves tréguas no entusiasmo posto na sueca e na bisca lambida).

Entretanto, o Sérgio veio colar-se às pernas do pai e, discretamente, apontou o dedo na direcção da mesa do canto.

- *"Não se aponta, que é feio!"* - corrigiu o pai, enquanto se aproximava da dita.

- *“O senhor desculpe, mas aqui o meu ganapo disse-me que o senhor é que é o professor dele. Não, não se incomode, não precisa de se levantar! Só queria cumprimentá-lo e dizer-lhe que tenho muito gosto em o conhecer. É a primeira vez que encontro um professor, porque largo o turno das duas e, a essa hora, já os professores voltaram para casa”.*

O professor convidou-o a sentar-se, mas o pai do Sérgio retorquiu:

- *“Fazia muito gosto que viesse beber um copo a minha casa”.*

O professor já tinha almoçado e tomado o *cimbalino*. Hesitou. (Vinho a esta hora, ele que andava a sumo e a água?!...) Mas sentiu que seria naquela hora, ou nunca mais. E lá foram, pai e professor, com o puto mais adiante. De modo que, à chegada, já três "mochos" os esperavam no quintal.

- *“Faça o favor de se sentar. É como se estivesse em sua casa! Eu já volto”.*

E voltou com uma garrafa de verde e dois copos, que pousou no mocho do meio. Falaram do Sérgio, da necessidade de obras na escola... com o copo de tinto a agir como mediador intercultural.

O néctar (de se lhe tirar o chapéu!) aqueceu as entranhas e os espíritos naquela fresca tarde outonal. Ao cabo de duas horas de conversa e três botelhas vazias, as palavras saíam bem mais fluentes, mais amigas. Já não era um pai e um professor que ali estavam. Eram dois homens a preparar o projecto de vida de outro homem.

Depois... Bem, o depois ficará para depois. Por agora, importa apenas acrescentar que isto aconteceu nos dinossáuricos tempos de 70, quando o Don Davies ainda não tinha investigado estas questões, nem o Ramiro Marques tinha nascido para a escrita. Mas, se hoje sobra a investigação e a literatura, o que faltará para que se deixe de considerar os pais dos alunos como criaturas inacessíveis?

Talvez três mochos.

## A OUTRA

Naquele tempo, a generosidade de alguns professores multiplicou-se e despontaram projectos, ainda que lhes não dessem esse nome.

Foi então que passei uma tarde naquela escola. De sala em sala, partilhei o trabalho de cada professora, procurei ajudar a transformar desejos em possibilidades, auscultei dificuldades.

À primeira ouvi: *"Isso de projectos é muito bonito, mas... e as outras? Como é?"* A segunda professora despediu-se de mim com o seguinte recado: *"Não te iludas, Zé! Há sempre quem não faça, nem deixe os outros fazer."* A terceira: *"Sabes, Zé, por mim, até nem há problema. Mas há outras que..."* À saída da última sala, idêntico comentário: *"Querer, eu até quero! Mas tu percebes, concerteza, que há quem não queira!"*

Esperei pelo fim das aulas. Tinha sido convidado para participar na reunião do conselho escolar. Sentei-me com as quatro colegas à volta da mesa, na exígua sala dos professores. Dado o silêncio e a atitude de escuta, supus que aguardavam que eu comesse. E eu comecei: *"Já estamos todos? São só quatro as professoras na vossa escola? Não falta mesmo ninguém?" Onde está "a outra"?*

Este episódio ajuda a entender a inutilidade de uma formação na qual não embarca um *quinto passageiro*, uma formação de que nada resulta, senão a confirmação de estereótipos e o refúgio em preconceitos.

Porém, é sempre possível aprender algo em comunidades de amizade crítica. E, quase sempre, nem nos apercebemos disso. Porém, há por aí práticas anonimamente elaboradas, cujo intercâmbio entre escolas urge viabilizar.

Não falemos de "projectos de professor" nos quais o instinto de sobrevivência profissional se alia ao voluntarismo, numa mistura perigosa que engendra projectos isolados com professores a reboque de projectos que são de outros e que se extinguem quando o acaso, o cansaço, ou o sistema de colocações, desvia o entusiasta acidental para outras paragens.

Talvez o fim deste século abra caminho para escolas onde não exista uma única solução correcta para cada caso, onde a coerência praxeológica não seja redutível à aplicação linear de teorias, onde os professores não permaneçam "orgulhosamente sós", nem seja reforçado o individualismo que não permite que um "outro" professor participe de um mesmo projecto. Essa re-elaboração da nossa cultura profissional atravessará gerações.

## Modernidade e tradição

Este texto não é meu. É do João, que tem oito anos de idade. E parece ser reflexo da febre de consumismo que nos assalta por alturas do Natal. Nem mesmo o Menino Jesus consegue escapar à insaciável fome do “ter”. Os primeiros sinais de alarme são sempre lançados pelas crianças, que é suposto verem mais longe. Depois, crescem e apenas ousam ver por perto e o que convém.

Na escolinha, a imaginação do meu amigo João produziu um peculiar diálogo. De um lado, um Jesus Menino nosso contemporâneo e já sem resquícios de divindade. Do outro, os Reis Magos velhos de dois mil anos, acompanhados dos respectivos camelos. Vejamos o que resulta deste "choque de gerações", em certo passo do texto:

“Quando o primeiro rei chegou, deu-lhe de prenda uma Nintendo 64. E o Menino perguntou:

- *Não podia ser uma Play Station?*

O primeiro Rei Mago desculpou-se:

- *Era a mais barata que havia...*

Veio o segundo rei. A prenda era um jogo de corridas. E o Menino quis saber:

- *Ó amigo, não havia o da Zelda?*

O segundo Rei Mago respondeu:

- *Só havia disto, não havia mais nada.*

Então, veio o terceiro Rei Mago e disse:

- *Acho que vais gostar do meu presente.*

Quando o Menino Jesus acabou de abrir a caixa, viu um carro telecomandado e exclamou:

- *Isto era o que eu queria! Obrigado, amigo Rei! Olha, tens aí algumas pilhas?*

O Rei Mago admirou-se:

- *Para que queres as pilhas, se o presente já tem pilhas?*

O Menino Jesus explicou:

- *As pilhas não são para o presente. São para os vossos camelos andarem mais depressa, porque aqui não temos água”.*

Longe vão os tempos do presépio e da Sagrada Família. Agora temos pais natais e centros comerciais. Os incensos e as mirras passaram de moda. As vacas ficaram loucas. Apenas o burro e os camelos (porque o são) se mantêm presos à tradição.

## Regresso ao local do crime

Para muitos professores a frequência de acções de formação continua a constituir um incómodo ou castigo (e talvez lhes assista alguma razão). Muitas acções de formação são repositórios de receitas avulsas debitadas sobre auditórios passivos. Muitos formadores seriam incapazes de concretizar as proposta que veiculam, prescrevem mudanças que seriam incapazes de operar na sua prática. Com as honrosas excepções do costume, os planos de formação de diferentes centros são quase idênticas colecções de modalidades escolarizadas antecedidas de introduções consignadoras das metáforas do professor *"intellectual, reflexivo, etc., etc."*.

A formação é um dos pontos críticos do sistema. O sub-sistema de formação vive anestesiado por metáforas e por teóricos consensos. Um certo sentimento de interdito impede que se diga que muitos professores vão às formações como se vai a um supermercado de créditos.

Que espaço resta para a formação? Na época do triunfo do virtual, a formação transforma-se em adorno científico. Os estudos que nela incidem nada transformam: desligam-se da realidade estudada. Essa realidade mostra-se, por seu turno, autista face às conclusões dos estudos. Quase tudo quanto tem sido escrito sobre formação tem sido dito de fora. Como escrever sobre a morte, como investigar a Lua somente na sua face exposta e visível? Analisa-se o banal e (o que é grave) com a chancela da cientificidade.

O problema não é novo. No campo da formação, as iniciativas que antecederam a publicação do actual regime jurídico foram marcadas por uma preocupação eminentemente técnica. Regra geral, visavam rituais de actualização (designados por reciclagem), concebidos por organismos centrais ou regionais do Ministério da Educação, com recurso frequente a instituições de formação inicial de professores.

Estes encontros tiveram uma virtude. Foram oportunidades não desperdiçadas por alguns professores para interpelar a própria formação. Alguns segmentos conjunturais foram, deste modo, abertura para a concepção e desenvolvimento de projectos locais. E se alguns outros projectos foram anulados pela intervenção de inspectores ou da hierarquia administrativa, outros houve que resistiram à erosão do tempo.

Em 1978, coube a certo professor a coordenação pedagógica concelhia de um programa de formação contínua de professores. Tratava-se de um programa ministerial com o intuito de "reciclagem" (como então se designava) com vista à introdução dos novos programas para



o Ensino Primário. Mais por intuição que por referência a um quadro teórico, o dito professor fez do primeiro momento um encontro de escuta. Fora eleito pelos professores do concelho onde trabalhava e era com eles e por eles que qualquer projecto poderia ter lugar. Passou a trabalhar (fora do tempo lectivo e sem qualquer acrescento de vencimento) com mais cinco professores.

Nos fins-de-tarde do mês de Outubro, procederam a um levantamento de recursos. Foi então que detectaram a existência de uma Biblioteca Pedagógica na arrecadação da Delegação Escolar. Jamais havia sido utilizada pelos professores.

Retirado o pó, inventariados os livros, estes passaram a circular pelas escolas. O ritmo de requisições era intenso. Entretanto, em Novembro do mesmo ano, era publicado o primeiro número do "Projecto", boletim do recém criado Centro de Documentação Pedagógica. O texto de abertura tinha um título sugestivo: *"O que foi e será a formação contínua dos professores"*.

Estávamos em 1978. Tudo começara por ser uma mera intenção ministerial de *"reciclar"* professores. E os boletins seguintes davam notícias de inúmeros projectos, encontros, exposições, estudos... Inusitadamente, a Biblioteca Pedagógica Concelhia já não conseguia satisfazer todos os pedidos de livros que ali chegavam.

Entretanto, sem um enquadramento jurídico que salvaguardasse as estruturas criadas, sem um estatuto definido, os poderes administrativos e inspectivos tudo fizeram para destruir algo que pressentiam fugir ao seu controlo. A equipa resistiu até onde pôde. Depois, pediu a demissão. A Biblioteca foi conferida, fechada, e voltou para a arrecadação de onde viera. Volvidos oito anos, era criado o "Programa Interministerial de Promoção do Sucesso Educativo". A equipa eleita pelos professores em exercício no concelho voltava a integrar alguns dos que, no hiato entre as duas iniciativas do ministério, haviam resistido em grupo à degradação pedagógica que acometia muitas escolas. Coube ao mesmo professor o papel de coordenar o programa. Foi encontrar a Biblioteca tal qual a havia deixado em 1979. Retirado o pó, verificou que apenas faltavam os dicionários. E não havia qualquer registo de requisição entre 1979 e 1987.

## O Teixeira

*"Com práticas selectivas desajustadas (...) a escola básica vai, lenta e continuamente ,gerando caudais de excluídos que, em maior ou menor grau, interiorizam essa exclusão"*

(Joaquim Azevedo)

Entregaram uns papéis ao professor, acompanhados de um aviso: *"Cuidado com o Teixeira! Dizem que é autista e, além disso, é mal educado e preguiçoso"*. Que mania a de pôr rótulos. Que desperdício de tempo a preencher papéis.

O Teixeira estava quase a fazer treze anos, na primeira classe. Tinha saltado de professor para professor, em turmas que nenhum professor desejava. Era conhecido pelo nome de família, pois o nome próprio ninguém parecia conhecer.

O professor desta história era novo, não possuía a experiência dos mais velhos, nem a ciência dos especialistas da "educação especial". Pouco sabia de autismos. Só conhecia a definição pelo dicionário. O Teixeira era autista. Pois. E o que é que o rótulo ajudava? E, se o professor estava sozinho na sua sala, com os seus alunos e mais um autista, sozinhos estavam os colegas das outras salas com os seus alunos. (Que pior forma de autismo que esta entre professores?)

Tinham-lhe ensinado tudo no curso, excepto o saber educar um autista. "O colega imponha-se, o colega defenda-se!" O professor defendeu-se. Registou alguns comportamentos: "O Teixeira vive numa profunda tristeza, gosta de estar sozinho". Mas a verificação pouco ajudava. Se procurava aproximar-se, ele fugia-lhe de imediato, como uma gata que tinha lá em casa. Aos treze anos, o Teixeira não sabia ler nem escrever. Se sabia, não o mostrava. Mas precisaria ele, mais que tudo, de saber ler e escrever?

O professor veio a saber mais tarde, pelos livros e por "incidente crítico" que o Teixeira não era, nem nunca tinha sido autista na sua vida. Tinha sido criado entre ovelhas das cinco horas da madrugada ao meio-dia de todos os dias. Tinha vivido entre uma casa vazia e o vazio de uma escola, entre as treze e as dezoito horas de todos os dias. E deitava-se todos os dias com as galinhas.

Há meses que o professor se acercava matreiro do Teixeira, sem ir pelo atalho das letras e dos números. Tinha sido rejeitado mil vezes, talvez pagando as rejeições que o Teixeira tinha sentido anos a fio. Mas também já tinha conseguido arrancar algumas palavras ao dito "autista".

Num sábado de manhã, quando o professor esperava o autocarro que o levaria para o aconchego do fim-de-semana em casa, viu o Teixeira a atravessar a estrada varejando o rebanho. Arredou as ovelhas para um valado e sentou-se numa pedra a uma distância prudente da paragem do autocarro. Com o cajado batia pedras para o outro lado da estrada, como quem estava distraído.

Estava quase na hora de passar a camioneta. O professor não poderia dar-se ao luxo de a perder, pois só teria outra lá para o meio da tarde. Mas a tentação foi mais forte do que a prudência. Lançou alguns olhares insistentes para a curva da estrada de onde haveria de surgir o ansiado transporte para o fim-de-semana. Lançou outros tantos olhares para o lado da estrada onde estava o Teixeira. E o dilema resolveu-se. Deu alguns passos com a mala na mão na sua direcção, como quem se acerca de um pássaro que, a qualquer momento, pode levantar voo. Captou-lhe o olhar. Sorriu. O "autista" não fez menção de se levantar.

O professor percorreu os metros que faltavam, hesitante, deitando olhares para trás, não viesse aí a camioneta de passageiros. Primeiro, de pé, a falar sozinho para o Teixeira e este a olhar os paralelos e a bater pedras para o outro lado da estrada. Depois a camioneta que nunca mais chegava. Uma olhadela ao relógio e sentou-se devagar para não assustar o pássaro. Pousou a mala. O Teixeira já respondia, ora com a cabeça (que sim, que não), ora com os ombros (quero lá saber).

Na paragem, ninguém. O condutor ainda reduziu a velocidade, ainda deitou um olhar para a mala pousada nas pedras à margem da estrada. Faltou coragem para estender um braço e fazer-lhe paragem, porque o outro estava pousado sobre o ombro do "autista".

## O "bug"

A história passa-se no tempo em que um milénio ainda durava mil anos. Daí que a sua aproximação à realidade seja apenas coincidência.

Por Dezembro e à mistura com cartões de Boas Festas, chegou à escola um envelope cinzento. Os professores não lhe deram qualquer importância, tão empenhados andavam na preparação da Festa de Natal da Escola e nas corridas aos centros comerciais. Depois, foi a pressa das reuniões e o ritual do preenchimento das fichas de informação aos pais. E o envelope repousou durante quase um mês no canto do armário da correspondência, aconchegado num monte de circulares.

Por Janeiro, um professor mais atento e ocupado em exercícios de arqueologia epistolar, apercebeu-se da presença do envelope cinzento. Inteirado do assunto e algo preocupado, apressou-se a informar os colegas de que iria ser realizada uma aferição em Português e Matemática.

Foram muitos os notificados e poucos os que se dispuseram a indagar do conteúdo dos ditos. Perante o elenco de objectivos das três brochuras que o D.E.B. tinha enviado às escolas, alguns professores reclamavam que aquilo *"não estava no programa"*, tomando súbita consciência de que havia um outro "programa" que diferia substancialmente do "programa" que se afadigavam em "dar" pelo manual. Outros, menos dados a leituras, manifestavam perplexidade com a azáfama dos colegas e perguntavam *"o que era o D.E.B." e se a coisa tinha alguma serventia*". E por aí se quedavam, pois já tinham passado por eles muitos anos de "reformas" sem que as suas sagradas rotinas tivessem sido afectadas. Estes eram os mais felizes.

Mas algo de muito estranho se passava. Na binária rotina aula-teste instalara-se uma espécie de "bug" que perturbava a pacatez habitual. Na *primária*, os pais dos alunos perguntavam se *os exames da quarta classe* tinham regressado. No *ciclo*, os professores intensificavam o apelo a *explicações* suplementares. E já toda a gente procurava no baú das antiguidades os livros de fichas sem a etiqueta indiciadora de *"manual de acordo com os novos programas"*. Mal a aula começava, os putos mergulhavam no *"Livro de fichas de Português e Matemática"*, num treino apenas interrompido para fazer chichi ou comer o lanche.

Imaginemos que tudo isto não passou de um pesadelo ou de malévola efabulação...

## Filhos de um Deus menor?

- *"Gostei tanto de ir hoje à escola, minha mãe! A senhora professora estava muito contente, porque inaugurou uma cantina, onde os meninos pobres podem almoçar de graça. Se visse, Mãezinha! As mesas muito asseadas, os pratos branquinhos, jarras floridas e tudo tão alegre! A sopa cheirava que era um regalo e todos nós estávamos satisfeitos ao ver os pobrezinhos matar a fome.(...) Perguntei à professora quem tinha feito tanto bem à nossa escola e ela respondeu-me:*

- *Foi o Estado Novo, que gosta muito das crianças.*"<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup>citado por Luísa Cortesão na obra "Escola-Sociedade, que relação?"

Um decreto de Outubro de 1952 determinava que o Estado estimularia *"a iniciativa privada na fundação e manutenção de cantinas, subsidiando-as na medida da assistência prestada e na acção por elas exercida no aumento e regularização da frequência escolar"*. Como se vê, o Estado Novo gostava muito das crianças e do Ensino Primário. E que dizer do *novíssimo* Estado saído das promessas de um Abril de há duas décadas?

O Dec-Lei 399-A/84, de 28 de Dezembro, transferiu para os municípios competências em matéria de acção social escolar, nomeadamente no domínio dos refeitórios. Consequência imediata: as antigas cantinas são extintas e os seus bens, legados e doações passam a património dos municípios. O decreto estabelece que *"a gestão dos refeitórios escolares é da responsabilidade das câmaras municipais"*.

Uma gestão caduca, diferente da dos restantes ciclos do mesmo Ensino Básico retira às escolas do primeiro dos ciclos até a capacidade de gerir cantinas. Uma gestão ainda com resquícios de herança do Estado Novo, na qual os órgãos intermédios (as delegações escolares) ainda são providos por nomeação e sobrevivem na precariedade dos recursos, engendrou mais um anátema de menoridade que as escolas, mais uma vez, acataram *a bem da nação* (não me constou que alguma tivessem reagido). O *"jogo do empurra"* que se instalou desde então teve como consequência que fosse o estômago das crianças a pagar mais um produto da *original* gestão imposta ao primeiro ciclo do básico.

As câmaras argumentam não poderem suportar os encargos com o pessoal das cantinas. Os responsáveis pela Acção Social Escolar do Ministério da Educação, por seu turno, esteiam posições no articulado de um decreto *especialmente* dedicado ao *primário de 1984* em quase tudo idêntico ao primeiro dos ciclos do Básico de 1997.

Notemos os contrastes. Subiu o preço das refeições na cantina da universidade. Tanto bastou para que os estudantes pusessem cadeados nas portas e saíssem à rua, em veemente protesto. É justo! O Ensino Superior dispõe de acesso fácil aos meios de comunicação social. São os reitores entrevistados à saída de reuniões; são os estudantes e as suas associações e federações em conferências de imprensa, ou em manifestações de rua. Todos convergem num coro mediático organizado que lhes confere significativa visibilidade social. E, num país em que os professores ganham causas com ameaças de greve de fome à porta de um ministério, os estudantes universitários vêm as suas lutas culminadas de êxito. É justo!

Eu não nego que o Ensino Superior viva atolado em problemas de difícil resolução. Mas não são os únicos. Muito menos serão os mais graves, se comparados com os de outros

níveis de ensino. Mas a percepção do leigo diz-me que continuamos a desperdiçar no ensino não-obrigatório aquilo que no dito ensino obrigatório escasseia. Já sei que serei acusado de maniqueísta, mas custa ver escolas do 1º Ciclo a mendigar para mitigar a fome de muitas crianças, porque o ministério da tutela ainda não se dignou subsidiar a aquisição de senhas de refeição, nem paga vencimentos a funcionários de cantina. É apenas mais um dos muitos exemplos da discriminação do "primário" relativamente aos restantes ciclos e níveis de ensino. Ao que parece, só as crianças dos seis aos oito anos não têm estômago.

Os problemas com que se defronta o Ensino Básico obrigatório e (ao que dizem) gratuito, raramente assumem protagonismo nas reportagens, ou nas análises dos especialistas em política educativa.

As ex-escolas primárias não dispõem de verbas para aquisição de equipamento, ou material pedagógico do mais rudimentar. As parcas esmolas das autarquias, quando chegam, não dão para o giz, ou para o papel higiénico. Mas uma qualquer associação de estudantes do Superior esbanja num passeio, ou numa compra de material informático o que daria para manter em funcionamento muitas escolas do 1º Ciclo. Não está em causa o financiamento das instituições. O que se questiona é que a lei não seja igual para todos. São reivindicadas bolsas de estudo até para o Ensino Superior Particular, enquanto muitos alunos do Básico não possuem materiais indispensáveis às aprendizagens. Neste Inverno, em muitas escolas do 1º Ciclo, as crianças vão passar frio, mas nos gabinetes das faculdades não faltará o ar condicionado e o aquecimento. Tantos mais exemplos poderia acrescentar que provariam que não é porque se torna regra que o absurdo deixa de ser.

Como não há propinas no primário, os pais pagam-nas de outro modo: por dupla tributação, em leilões, na aquisição de rifas, no vale-tudo a que os professores do primário deitam mão para que o giz, o pão e o papel higiénico não falem nas escolas. São as estratégias de um ciclo de ensino que se vai aguentando nos limites da sobrevivência. A diferença de tratamento dada pelos Media é, pois, descabida, mas explica-se: os estudantes do "primário" não estão organizados em associações, não dispõem de recursos para fazer publicar comunicados na imprensa, nem vão para a rua em manifestações.

O Dec-Lei 43/89 ( o da autonomia das escolas) estabelece claramente no seu artigo primeiro que o normativo se aplica apenas "*às escolas oficiais do 2º e 3º ciclos do ensino básico e às do ensino secundário*". O *primário* fica, uma vez mais, fora da lei, sem *carta de alforria*, sem direito a número de contribuinte, sem orçamento próprio.

Existe legislação que estabelece obrigações das Câmaras e de outras instituições perante as escolas do 1º Ciclo, mas continua por cumprir. As despesas com o expediente, higiene, saúde e aquisição de materiais e equipamentos vão sendo mitigados pela generosidade de terceiros. O poder local e o poder central devolvem, ou enjeitam responsabilidades. O subsídio de almoço dos alunos e o pagamento que o Ministério processa aos funcionários das cantinas do 2º e 3º Ciclo, ou do Secundário são inexistentes no 1º Ciclo. Os alunos da primária nunca têm apetite. Se algumas cantinas funcionam, o subsídio por aluno e as remunerações das cozinheiras são asseguradas pela contribuição (dupla) dos encarregados de educação, ou pelos professores. Os sucessivos orçamentos-gerais do Estado registam aumentos de despesas no capítulo da Acção Social Escolar. Mas no primário, as cantinas que funcionam dependem da iniciativa de pais e professores e da caridade dos benfeitores. Porque não se estimula, igualmente, o mecenato nos outros ciclos do ensino básico?

Esta situação é mais um «*sinal de um certo desprezo das autoridades oficiais pela escola primária*»<sup>5</sup>. Nas entrelinhas dos normativos subsistem resquícios de senso comum legislativo que tendem a considerar que o primário tem a gestão que merece. Resta saber se a indignação irá, algum dia, tomar o lugar da impaciência.

## **Vós poluíis, nós limpamos**

Comemorando o *Dia Mundial da Árvore* (e na sequência de anteriores iniciativas), a Câmara Municipal de Santo Tirso organizou duas interessantes actividades dirigidas aos alunos das escolas do primeiro ciclo e dos jardins de infância deste concelho.

O Novo Teatro Construção, com um elenco enriquecido pela participação de um jovem actor avense, brindou as crianças com uma excelente peça de teatro para a infância: “*Eu poluo, tu limpas. Vós poluíis, nós limpamos*”. Como complemento, no dia 21 de Março, o “*Percurso na Natureza*” propiciou o convívio com uma das parcelas do nosso património natural. Conforme referia no texto orientador desta actividade, a câmara pretendia apoiar a “*criação e desenvolvimento de uma consciência ecológica e ambiental nas crianças*”. A juntar a esta louvável intenção, a câmara chamava ainda a atenção “*para os cuidados e normas a seguir no sentido da conservação e respeito pelo património natural*”. E concretizava: “*não deixes mais que pegadas, não tires mais que fotografias, não mates*

*mais que o tempo*“. E concluía o exórdio recomendando que cada aluno deveria “*guardar o seu próprio lixo na mochila, até encontrar um recipiente para o depositar*”.

Bem prega Frei Tomás... A caminho da Assunção, a maior parte das crianças mais pareciam ferozes exploradores da selva, derrubando arbustos, arrancando ramos de árvores, desenraizando plantas mais frágeis, semeando lixo à sua passagem.

Já por altura da merenda, as crianças dos jardins de infância e os alunos de uma ou outra escola mais dada à “*educação para a cidadania*” tinham apanhado a porcaria deixada no chão pelos seus colegas de caminhada. Meteram nas suas mochilas e em sacos plásticos toda a espécie de detritos: restos de fruta e de bolos, pacotes de leite, embalagens vazias, plásticos...

O tempo gasto nesta inesperada e ecológica tarefa fê-los atrasar-se. Mas foi fácil encontrar o caminho. Tal como na história que nos contavam em pequeninos, bastou seguir a pista deixada pelos colegas. Porém, desta vez, não se tratava de migalhas mas de mais sujidade. Um dos voluntários apanhadores do lixo dos outros chegou a comentar: “*Nós somos os eco-limpos, aqueles meninos que vão lá à frente são os eco-porcos!*”.

Infelizmente, não foi esta a primeira vez que pude presenciar a falta de respeito pelos outros e pelo património comum. Estou a lembrar-me de duas situações análogas a esta. Numa visita de estudo a Óbidos, tínhamos acabado de merendar e os nossos alunos colocavam os restos nos caixotes do lixo, quando irromperam pelo parque de estacionamento adentro algumas dezenas de alunos aparentando idades entre os doze e os quinze anos, acompanhados dos respectivos merendeiros e professores. Dez minutos decorridos, o parque parecia um mar de lixo. Por onde andariam os professores responsáveis por aqueles pequenos vândalos?

Numa viagem a Lisboa, participámos numa viagem de estudo no rio Tejo. Viajaram no mesmo barco alunos de outras escolas vindos de diversos pontos do país. Os nossos alunos eram os de mais tenra idade, pois havia a bordo jovens com doze, quinze, ou mais anos. Enquanto os nossos miúdos faziam esforços para ouvir o que os altifalantes de bordo *ensinavam*, enquanto registavam as escassas informações que conseguiam captar no meio da algazarra, muitos dos outros alunos entretinham o tempo em loucas correrias, a empurrar-se, a ouvir *música da pesada* em auscultadores bem colados ao ouvido, indiferentes às explicações que iam sendo dadas pelos guias. Enquanto as nossas crianças

---

<sup>5</sup>Benavente, A. (1990) *Escola, Professores e Processos de Mudança*, Lisboa, Livros Horizonte, p.125



se ocupavam em recolher os restos da merenda em sacos plásticos e se preocupavam em apanhar do chão o lixo dos outros, os nossos companheiros de viagem faziam concursos de arremesso de latas vazias para as águas do Tejo, divertiam-se a lançar cascas de fruta uns aos outros (que, por vezes, também nos atingiam sem qualquer pedido de desculpa a acompanhar), ou a atirar toda a sorte de objectos para as águas. A espuma que as hélices do barco produzia juntava-se à imundície dos detritos numa esteira de vergonha que faria corar de indignação um ecologista debutante.

À chegada ao cais, esperámos que acabassem de se empurrar para serem os primeiros a sair, que parassem de gritar e de se agredir, para que pudéssemos sair tranquilamente e com um mínimo de segurança. De longe, procurei identificar os professores que, previsivelmente, deveriam ter acompanhado aqueles *jovens bárbaros*. Certamente que os haveria. No meio da confusão, julgo ter vislumbrado alguns. Caminhavam indiferentes à balbúrdia, como se nada daquilo lhes dissesse respeito.

Ao “*Percurso na Natureza*”, em boa hora organizado pela câmara municipal, devem seguir-se outras iniciativas, porque ainda vivemos na pré-história da educação ambiental. Muitas escolas são armazéns de alunos onde o esforço de reflexão de alguns professores é anulado pela indiferença ou pela crónica *falta de tempo* de outros. Não chegam a perceber que para se fazer uma escola não basta juntar alunos, professores, funcionários, manuais e livros de ponto. Em muitas escolas, os professores continuam a ensinar tudo aos alunos, excepto a serem pessoas.

## O Zé António

O decrepito edifício tinha sido reinaugurado no consulado de Sidónio Pais, conforme atestava a lápide afixada na parede de estuque esburacado, de onde despontavam as ervas todo o ano e formigas de asas pela Primavera. O caruncho apostava em acabar com o que restava das velhas carteiras. O soalho, também de madeira, era como um campo de golfe mas com mais buracos. No anexo ainda pairava o odor ao queijo da *caritas*. Só não havia quarto de banho digno do nome, mas não se pode pedir tudo...

Na quarta classe de 76 que a velha escola albergava, a variedade das origens sociais correspondia à variedade dos odores. O Simão exalava a suave fragrância a água de colónia. O Tó, o aroma da alfazema. O Jorge, o perfume barato do fixador que lhe domava as irreverentes melenas. Nas manhãs frias, o Arnaldo tresandava a aguardente. A maioria, criada na bouça e na rua, trazia entranhado nas pobres vestes um intenso cheiro a terra e suor que, na força do Estio, se confundia com o da decomposição dos cadáveres das ratazanas e de outros bichos que coabitavam o desvão do telhado. Mas a aparência rude escondia a doçura das almas.

O Zé António era um miúdo franzino e tímido. Contava dez anitos num corpo frágil que aparentava seis ou sete. Só tinha a seu favor uma prodigiosa imaginação. Era o ás do texto livre. O novo professor não era adepto das enfadonhas redacções com tema e número de linhas pré-fixados. E, pela primeira vez na sua curta vida de estudante, o Zé António soltava amarras e partia à aventura:

*“Eu fui com o meu irmão a uma mina perigosa (...) encontrei uns anõezinhos muito aflitos, quase a morrer. Agasalhei-os muito quentinhos, dei-lhes roupa nova. Também vi uma abelha a tentar voar (...) estava a rir e ela pregou-me com o ferroto. Vedes para que foi a pândega?”*

Ou mesclava desejos com a nostalgia de sonhos perdidos:

*“Se eu fosse um passarinho. Não. Esta história acabou porque eu já não sei mais. O que eu gostava de ter era uma andorinha. Mas, quando chegasse o Inverno, ela partia e eu tinha um desgosto muito grande.”*

Num dos seus muitos escritos, deixou escapar um segredo e jamais confessado remorso colectivo:

*“Eu sinto um segredo em mim... O nosso professor é muito bom para nós. Nós também podíamos ser bons para ele...”*

Infantil remorso, talvez, pois aqueles trinta mafarricos infernizavam a vida das professoras que por lá passavam. O Domingos, que nos seus quinze anos era o decano da turma, só à sua conta tinha conhecido doze. Umas despachavam os malfadados para o último professor *“agregado”* que lá caísse no ano seguinte. Outras agarravam-se ao atestado como o náufrago à bóia salvadora e desapareciam para nunca mais.

Nas manhãs de inverno, quando algum puto se deixava ficar no aconchego dos lençóis, era *“menos um para aturar”*. Nas manhãs primaveris, quando outros se perdiam pelo caminho, a jogar à bola ou na caça aos girinos dos charcos, era *“um alívio”*.

Quase todos acumulavam várias reprovações. O Zé António vinha de uma família humilde, mas era dos poucos que nunca tinham *“gatado”*.

À chegada, avisaram o novo professor de que aquela era a *“turma do lixo”*, *“o refugio da escola”*, o que *“ninguém queria apanhar”* e que (*“mas, ó senhor professor, isto que não saia daqui!...”*) o apartar das águas começava logo na primeira classe:

- *“Ó Dona F..., de quem é filho este miúdo?”*
- *É neto do senhor engenheiro, minha senhora.*
- *Então fica nesta lista. E este aqui?*
- *Esse, minha senhora, é filho da Maria Morcega, a que foi para fiandeira. Nem a terceira acabou...*
- *Então, vai para a outra turma.”*

A Maria Balota, vizinha e conselheira, aproveitou o intervalo do primeiro dia e atirou do portelo:

- *“Ó senhor, eles são todos uns gandulos. Desta massa não se espere milagres”.*

Depois, num tom mais condescendente, ainda acrescentaria:

- *“Eles não vão a bem. Mas, coitados, nem todos tiveram uns pais como o senhor professor...”*

O Bordieu ainda levaria um bom par de anos até descobrir o sábio e naturalizado equilíbrio da *“reprodução”*. De um lado, os nascidos em *berço de ouro*; do outro, os *putos ranhosos, as pestes*. E, entre uma turma e outra turma, nada de misturas. A família os engendrava, a escola os confirmava, a sociedade os excluía. Por mais inverosímil que hoje nos pareça, era assim naquele tempo.

O Zé António fez a quarta classe com dez anos. O professor perdeu-lhe o rasto nos atalhos da vida e nas teias do trabalho infantil. Voltou a encontrá-lo aos dezoito, esquelético, minado pela miséria. Leu naqueles olhos despojados do brilho e candura da infância a

profunda humilhação de “*pedir à Junta um atestado de pobreza por não ter maneira de pagar custas ao tribunal*”.

O Zé António conheceu a prisão, a solidão e o desprezo. perdeu o direito a nome próprio, ganhou fama de ladrão e drogado. Um dia, enquanto se *chutava*, quis a sorte que a sida lhe penetrasse as veias. O calvário chegava ao fim.

O Zé António foi hoje a sepultar.